

## ESPINOSA E O USO RESERVADO DA ADMIRAÇÃO NA GÊNESE DAS AFECÇÕES

SÉRGIO LUÍS PERSCH \*

Vários filósofos modernos se ocupam com as paixões humanas e procuram escrever tratados que demonstrem objetivamente a natureza delas. Fazem deduções, enumeram e submetem as diversas paixões a uma determinada ordem, seguindo nesse assunto a orientação matemática dada a praticamente todas as investigações filosóficas do período. Estão confiantes com relação ao resultado de seus estudos e certos de obter um conhecimento mais adequado do que até então se tinha acerca do assunto, como podemos verificar pelas próprias palavras dos autores que aqui serão comentados.

Em seu tratado sobre AS PAIXÕES DA ALMA, Descartes escreve logo no primeiro artigo:

Não há nada que mostre melhor o quanto são defeituosas as ciências que recebemos dos Antigos, do que o que eles escreveram sobre as paixões. Pois, embora se trate de uma matéria cujo conhecimento sempre foi muito procurado e embora ela não pareça ser das mais difíceis, porque, cada qual sentindo-as em si mesmo, não se tem necessidade de adotar de alhures qualquer observação para descobrir sua natureza, no entanto o que os Antigos ensinaram a seu respeito é tão pouca coisa, e na maioria tão pouco digna de crédito, que não posso ter a menor esperança de me aproximar da verdade a não ser me afastando dos caminhos que eles seguiram. É por isso que aqui serei obrigado a escrever da mesma forma que se estivesse tratando de uma matéria que nunca alguém antes de mim houvesse abordado (DESCARTES, 1998, p. 27, art.1)<sup>1</sup>.

Espinosa é ainda mais severo quando fala do insucesso dos filósofos no conhecimento das paixões. Acusa-os de que jamais souberam tratá-las como coisas naturais, considerando o homem como um ser à parte, regido por outras leis que não aquelas da natureza no

sentido estrito. As paixões então costumam ser consideradas como vícios que desviam o homem do seu reto e bom caminho. Não é sem propósito essa crítica, porque as paixões ocupam um lugar de grande importância na ÉTICA, a principal obra de Espinosa. E um pouco a despeito da sua relação profícua com filosofia cartesiana, ele declara no prefácio da parte III da ÉTICA que, “na verdade, o célebre Descartes [...] tentou explicar as afecções humanas por suas primeiras causas e mostrar ao mesmo tempo de que maneira a mente pode adquirir um império absoluto sobre as paixões; mas, ao meu ver, ele não mostrou senão a acuidade de seu profundo engenho” (ESPINOSA, 1983, p. 175).

O tratado sobre AS PAIXÕES DA ALMA sempre suscitou algumas dúvidas aos leitores, não somente em virtude das definições inteiramente novas que muitas paixões receberam, mas inclusive com relação à coerência interna do tratado e a uma certa debilitação do método, comparado com as outras obras de Descartes. Mas o que Espinosa visa ao se referir de tal maneira ao seu antecessor é, principalmente, demarcar uma diversidade fundamental entre ambos, assentada em teses básicas como essa que encontramos aludida na passagem citada: de que para Descartes a mente pode adquirir um império absoluto sobre as paixões.

Espinosa dá a entender que Descartes assume certos dados iniciais da problemática que são de difícil aceitação, como é o caso da união entre o corpo e a alma explicada mediante o artifício da glândula pineal. Por meio dela, a alma (pensamento) seria capaz de mover o corpo e, vice versa, o corpo (extensão) poderia causar idéias. Trata-se de uma assertiva indemonstrável à luz da própria filosofia cartesiana, pois, não se podendo conceber uma relação direta entre o pensamento e a extensão (ambos infinitos em si mesmos) a união de corpo e alma explicada dessa maneira não responde aos critérios de clareza e distinção reivindicados por Descartes em outras obras. Todavia, é preciso ter em vista que a análise das afecções

\* Professor de FILOSOFIA na UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB, participante do GT BENEDICTUS DE SPINOZA.

<sup>1</sup> Doravante indicaremos somente o número dos respectivos artigos citados, sempre que nos referirmos a esse TRATADO.

é um tema nuclear da ÉTICA, ao passo que AS PAIXÕES DA ALMA é uma obra que assume um lugar periférico na produção filosófica de Descartes.

Basta situar AS PAIXÕES DA ALMA no contexto geral da filosofia cartesiana para perceber que esse tratado não é uma obra fundadora, como são, por exemplo, o DISCURSO DO MÉTODO e as MEDITAÇÕES. O próprio autor jamais declarou que ela deveria sequer ser publicada (como o foi postumamente), esperando dela apenas, à primeira vista, uma finalidade prática e de uso particular. Portanto, Descartes estava ciente das dificuldades que o assunto lhe oferecia e, ao mesmo tempo, atribuiu-lhe uma importância apenas relativa, decerto porque não antevia uma dedução estritamente racional das paixões humanas. É claro que, pelo primeiro artigo do TRATADO, bem como por uma carta-prefácio que lemos na edição aqui em consulta, notamos com qual confiança Descartes se ocupa em analisar as paixões da alma. Mas os estudiosos mostram que as idéias fundamentais da “moral” cartesiana, como a da união substancial de alma e corpo, são idéias confusas, porque o assunto mesmo não permite que dele se tenham idéias claras e distintas (veja-se o ENSAIO SOBRE A MORAL DE DESCARTES, de Livio Teixeira). E é muito interessante observar como o próprio Descartes mantém os movimentos corpóreos, que geram os apetites, alheios ao conhecimento e ao domínio direto da vontade da alma. Ela é “[...] forçada a usar da engenhosidade e aplicar-se em considerar sucessivamente diversas coisas” (art. 47), pois as paixões “[...] não podem ser diretamente excitadas ou eliminadas pela ação da nossa vontade; mas podem sê-lo indiretamente pela representação das coisas que costumam estar unidas com as paixões que desejamos ter, e que são contrárias às que desejamos rejeitar” (art. 45). Todavia, no final da primeira parte do TRATADO (art. 50), Descartes manifesta sua confiança na possibilidade de um domínio absoluto da alma sobre suas paixões.

Quando Espinosa alude a Descartes (conforme referido acima), ele se mantém reticente quanto à eficácia das demonstrações deste e à sua confiança no domínio da vontade da mente sobre as paixões causadas pelos apetites corpóreos. Além disso, Espinosa cuida em aplicar a esse domínio de investigação o mesmo método aplicado ao estudo dos fenômenos naturais:

[...] eis como eu raciocino. Nada acontece na Natureza que possa ser atribuído a um vício desta; a Natureza, com efeito, é sempre a mesma; a sua virtude e a sua potência de agir são unas e por toda

parte as mesmas, isto é, as leis e as regras da Natureza, segundo as quais tudo acontece e passa de uma forma a outra, são sempre e por toda parte as mesmas; por conseqüência, a via reta para conhecer a natureza das coisas, quaisquer que elas sejam, deve ser também uma e a mesma, isto é, sempre por meio das leis e das regras universais da Natureza. Portanto, as afecções de ódio, de cólera, de inveja, etc., consideradas em si mesmas, resultam da mesma necessidade e da mesma força da natureza que as outras coisas singulares; por conseguinte, elas têm causas determinadas, pelas quais são claramente conhecidas, e têm propriedades determinadas tão dignas do nosso conhecimento como as propriedades de todas as outras coisas cuja mera contemplação nos dá prazer. Tratarei, portanto, da natureza e da força das afecções, e do poder da mente sobre elas, com o mesmo método com que nas partes precedentes tratei de Deus e da mente, e considerarei as ações e os apetites humanos como se tratasse de linhas, de superfícies ou de volumes (EIII, Prefácio, ESPINOSA, 1983, p. 175).

Como se nota, Espinosa não dá um tratamento distinto às afecções humanas. Ele as analisa como fenômenos estritamente naturais. Isso implica numa concepção diferente da relação entre a mente e o corpo humanos – divergência das mais notáveis com respeito a Descartes. Essa é uma questão vasta e digna de ser examinada em diferentes perspectivas. Enfocaremos apenas uma delas, partindo do lugar específico reservado à admiração por ambos os autores.

É nas PAIXÕES DA ALMA que podemos vislumbrar com facilidade o problema teórico suscitado pela admiração. Encontramo-lo explicitado detalhadamente pelo editor da edição aqui em uso, num estudo introdutório ao TRATADO.

Pascale D’Arcy, em sua introdução ao TRATADO das paixões, é bastante severo com relação ao caráter duvidoso das investigações levadas a efeito por Descartes em torno das paixões, que resultaram na obra destinada a satisfazer o pedido da princesa Elisabeth, a qual ansiava por um conhecimento seguro sobre esse assunto. O maior problema estaria no seguinte: Logo no começo da segunda parte do TRATADO, Descartes se propõe a deduzir as paixões em ordem, mas nenhum leitor póstumo e nenhum comentador foi capaz de reconhecer que essa ordenação é clara. Assim, Pascale D’Arcy não se ocupa em procurar alguma fórmula oculta do ordenamento, que de antemão reconhece

não existir, porém diagnostica o Tratado em sua perceptível desordem, procurando encontrar as razões que colocaram Descartes em tamanha dificuldade. Ele enfoca, então, a transição da primeira para a segunda parte do TRATADO e percebe que a “[...] admiração constitui a principal originalidade do Tratado cartesiano, mas igualmente aquilo em que todo empreendimento de racionalização parece destinado a tropeçar” (DESCARTES, 1998, p. LX)

A primeira parte do TRATADO consiste numa exposição sumária do que Descartes já desenvolvera em outros escritos no que diz respeito à distinção entre a natureza corpórea e a natureza pensante e, ao mesmo tempo, à união substancial da alma e do corpo humano. Já no segundo artigo Descartes adverte que é preciso distinguir claramente as funções da alma das funções do corpo para se conhecer algo de seguro sobre as paixões da alma. E como se sabe, a natureza corpórea é objeto da física. A física dá conta da explicação de todo o mecanismo corpóreo, inclusive dos corpos vivos, pois não é a alma, mas o movimento mecânico que dá vida a um corpo, do mesmo modo como o movimento faz funcionar um relógio ou outra máquina qualquer construída pelo engenho humano. Mas por que falar da física, se as paixões são da alma e não do corpo? É que as paixões se fundamentam na união substancial entre alma e corpo. Trata-se, pois, não de uma metafísica do pensamento, conforme aquela que encontramos nas MEDITAÇÕES, mas de uma espécie de “psicologia empírica da alma” que vai em paralelo com a dimensão orgânica do corpo. É certo que por ali enveredamos no terreno mais obscuro da filosofia cartesiana, pois a união substancial da alma e do corpo humano não é uma idéia clara e distinta conforme aquelas encadeadas nas MEDITAÇÕES e que primam justamente pela distinção rigorosa entre o pensamento e a extensão. A união substancial é uma idéia confusa. De qualquer forma, a despeito da obscuridade dessa idéia, é preciso admitir a união da alma e do corpo humano como um pressuposto inicial do qual não se deve duvidar para efeito da fundamentação moral e do estudo das paixões. E decorre dessa união, segundo Descartes, que na alma é paixão o que no corpo habitualmente é uma ação. Além disso, se considerarmos essa espécie de paralelismo que resulta da união entre corpo e alma, podemos dizer que as paixões constituem a transposição ou tradução dos movimentos corporais. Pascale D’Arcy diz que “[...] a alegria e a tristeza expressam no nível da alma, de uma forma que poderia

ser espinosista, o mal-estar ou bem-estar do corpo, às vezes sem que seja possível mesmo a distância de uma consciência” (DESCARTES, 1998, p. XLIII).

Porém, essa identidade entre os movimentos corpóreos e os sentimentos da alma justificada na primeira parte do TRATADO se perde logo no início da segunda parte, justamente pelo lugar que nela assume a Admiração.

Na segunda parte, Descartes trata do número e da ordem das paixões. Suas principais causas seriam os objetos externos que comumente as provocam. Pois embora a alma, pela sua própria ação, excite paixões como a da alegria e da tristeza simplesmente concebendo estes ou aqueles objetos, ou se elas decorrem tão só da disposição e do temperamento do corpo, “[...] as mesmas paixões podem também ser excitadas por objetos que movem os sentidos, e esses objetos são suas causas mais comuns e principais. Segue-se daí que, para encontrá-las todas, basta considerar todos os efeitos desses objetos” (Artigo 51). Descartes se interessa, portanto, pelas paixões da alma, na medida em que elas a dispõem a querer ou evitar um objeto qualquer que seja útil ou prejudicial ao corpo. Assim, por força da vontade, ela conduz o corpo a se aproximar ou se afastar desses objetos, conforme sejam úteis ou nocivos.

Uma vez que as paixões de definem com base nos objetos que excitam os sentidos, a admiração é a primeira de todas:

Quando o primeiro contato com algum objeto nos surpreende e o consideramos novo ou muito diferente do que conhecíamos antes ou então do que supúnhamos que ele devia ser, isso faz que o admiremos e fiquemos espantados com ele. E como tal coisa pode acontecer antes que saibamos de alguma forma se esse objeto nos é conveniente ou não, a admiração parece-me ser a primeira de todas as paixões e ela não tem contrário, porque, se o objeto que se apresenta nada tiver em si que nos surpreenda, não somos emocionados por ele e o consideramos sem paixão (Artigo 53).

A admiração é condição prévia para qualquer outra paixão. Dela seguem a o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza – que, juntamente com a primeira – formam o grupo das seis paixões primitivas – e todas as outras paixões. Quando, mais à frente, Descartes trata de cada uma dessas paixões primitivas em separado, começa novamente pela admiração, definindo-a e assinalando a sua causa:

A admiração é uma súbita surpresa da alma, que a faz aplicar-se em considerar com atenção os objetos que lhe parecem raros e extraordinários. Assim, ela é causada primeiramente pela impressão que se tem no cérebro, que representa o objeto como raro e conseqüentemente digno de ser bem examinado; e em seguida pelo movimento dos espíritos, que essa impressão dispõe a tenderem com grande força para o local do cérebro onde ela está, para ali a fortalecerem e conservarem; como também os dispõe a passar de lá para os músculos que servem para reter os órgãos dos sentidos na mesma situação em que estão, a fim de continuar a ser alimentadas por eles, se é por eles que foi formada (Artigo 70).

A admiração ainda se distingue de todas as outras paixões pelo fato de, por si mesma, não provocar a menor mudança no coração ou no sangue, ou seja, não provocar nenhum outro sentimento de dor ou prazer, movimento de repulsão ou atração, como ocorre com as demais paixões. “A razão disso é que, não tendo por objeto nem o bem nem o mal, mas somente o conhecimento da coisa a que se admira, ela não tem relação com o coração e o sangue, dos quais depende todo o bem do corpo, mas somente com o cérebro, onde estão os órgãos dos sentidos que servem para esse conhecimento” (Artigo 71). A sua característica própria e particular é a surpresa, pela qual ela aumenta qualquer outra paixão que o objeto admirado possa provocar. Esse é o papel positivo da admiração, que porém pode ser prejudicial quando excessivo, dando lugar ao espanto: “[...] isso faz que todo o corpo permaneça imóvel como uma estátua, e que não possamos perceber do objeto mais do que a primeira face que se apresentou, nem conseqüentemente adquirir dele um conhecimento mais específico [...] o espanto é um excesso de admiração que nunca pode deixar de ser mau” (Artigo 73). Dessa forma, Descartes chega à utilidade geral da admiração e, conseqüentemente, de todas as paixões:

A utilidade de todas as paixões consiste apenas em que elas fortalecem e fazem perdurar na alma pensamentos que é bom ela conservar, e que sem isso poderiam facilmente serem apagados. Assim também, todo o mal que elas podem causar consiste em que fortalecem e conservam esses pensamentos mais do que é preciso; ou então fortalecem e conservam outros nos quais não é bom deter-se (Artigo 74).

Quanto à admiração em particular, Descartes escreve o seguinte:

Pode-se dizer especificamente da admiração que ela é útil porque nos faz aprender e reter na memória as coisas que anteriormente ignorávamos. Pois só admiramos o que nos parece raro e extraordinário, e nada pode parecer-nos assim a não ser porque o ignorávamos, ou também porque é diferente das coisas que sabíamos; pois é essa diferença que nos faz chamá-lo de extraordinário. Ora, ainda que uma coisa que nos era desconhecida se apresente de novo a nosso entendimento ou a nossos sentidos, nem por isso a retemos na memória, a não ser que a idéia que temos dela seja fortalecida em nosso cérebro por alguma paixão; ou então também pela aplicação de nosso entendimento, que nossa vontade determina a uma atenção e reflexão específica. E as outras paixões podem servir para fazer-nos observar as coisas que parecem boas ou más; porém pelas que parecem somente estranhas sentimos apenas admiração. Por isso vemos que habitualmente as pessoas que não têm inclinação natural para essa paixão são muito ignorantes (Artigo 75).

É claro que devemos evitar o excesso de admiração, o espanto diante de coisas insignificantes. Se ela nos dispõe a adquirir as ciências, o processo mesmo de aquisição das ciências é um trabalho de libertação: “[...] para evitar admirar com excesso o único remédio é adquirir o conhecimento de várias coisas e exercitar-se no exame de todas as que possam parecer mais raras e mais estranhas” (Artigo 76).

Em certa medida Descartes confere à admiração o papel de incitar a alma ao conhecimento, seguindo uma tradição que remonta a Aristóteles. A admiração denota a sensibilidade da alma aos objetos, por isso aparece em primeiro lugar e é tida como condição de todas as outras. Somente a partir do momento em que a alma se admira com uma coisa ela pode amá-la ou odiá-la etc. Porém, a admiração está estreitamente relacionada com a capacidade de julgamento da alma. Com efeito, ela se admira com algo quando percebe que esse algo lhe é pouco familiar, quando se mostra estranho às nossas conclusões gerais e ao conhecimento normal das coisas. Isso leva Descartes a considerar o fenômeno da admiração somente no adulto, pois somente ele “se distinguirá pela capacidade para desarraigar-se dos preconceitos sensíveis e para conceber o mundo independentemente das impressões produzidas pelo corpo” (DESCARTES,

1998, p. LXXIII). Por isso ela não aparece quando o autor trata da gênese das paixões primárias, que ocorrem já no início das nossas vidas (artigos 107 a 111). É preciso examinar, então, se os juízos da alma acerca das coisas – que a mantêm ora indiferente, ora admirada – são efeitos de um conhecimento adequado.

Para resumir esse ligeiro transcurso através dos artigos do Tratado cartesiano que versam especificamente sobre a admiração, cumpre notar alguns pontos importantes: a) conforme nos mostra Pascale D’Arcy, é provável que Descartes tenha partido da noção tradicional, que confere à admiração um papel importante e basilar para o conhecimento; b) mas, em consequência disso, a admiração parece não se enquadrar numa dedução estritamente física-mecânica das paixões, de acordo com a proposta metodológica de Descartes; c) enquanto impulso prévio para o conhecimento e tendo uma origem menos primitiva que outras paixões como o desejo, a alegria e a tristeza, ela concorre para a idéia (quicá também oriunda de uma longa tradição) de que a alma pode adquirir, pela liberdade da vontade, um domínio absoluto sobre os apetites corpóreos. Conforme já foi indicado, Espinosa rebate explicitamente essa última hipótese, e com base numa das suas asserções mais ousadas: de que jamais existe uma vontade da alma, livre e independente dos apetites corpóreos, mas há necessariamente uma relação direta entre a potência do corpo para agir e a potência da mente para pensar. Em função disso, Espinosa retira da admiração aquele caráter positivo conferido a ela com base na suposição de que a mente humana pudesse contemplar com neutralidade, livre das determinações corpóreas, algum objeto à distância, e com ele se admirar de maneira proveitosa.

No TRATADO BREVE, um escrito de juventude e anterior à ÉTICA, Espinosa segue Descartes, colocando a admiração em primeiro lugar. Porém, ele adverte que exporá a maneira como se originam as paixões conforme elas surgem no primeiro gênero de conhecimento, que é o da opinião. Pois ele diz que todas as paixões procedem da opinião – conhecimento resultante de conjeturas e imaginações. Do conhecimento racional resultariam os “bons desejos” e do conhecimento claro “o amor verdadeiro e sincero”. Portanto, a dedução das paixões não segue a ordem do conhecimento adequado, mas sim, como elas são dadas no conhecimento do primeiro gênero, sujeito a erros.

A admiração não se encontra na origem de um conhecimento qualquer, mas sim, ocorre diante de determinado conhecimento já constituído: “é a primeira que se encontra em quem conhece a coisa pelo primeiro modo”. É que, pelo primeiro modo de conhecimento, nós chegamos a uma conclusão geral a partir de alguns casos particulares. Na ÉTICA, esse conhecimento se chama experiência vaga: inferimos de alguns casos particulares que a água sempre é apropriada para apagar o fogo. Os exemplos utilizados por Espinosa no TRATADO BREVE são muito interessantes.

Se alguém somente viu ovelhas com rabo curto se admirará diante das ovelhas de Marrocos, que o têm comprido. Assim também se diz de um camponês, que se convencera de que fora dos seus campos nada mais existia e que, tendo-lhe desaparecido num belo dia uma vaca e vendo-se obrigado a ir buscá-la muito longe, ficou muito admirado de que fora de seus pequenos campos existia tão grande quantidade de outros campos. E é certo que isso ocorre também para muitos filósofos, os quais foram levados a acreditar que fora do pequeno campo do globo terrestre, onde estão, não existia nenhum outro, uma vez que não o observam (ESPINOSA, 1990, pp. 103-4).

É, pois, a partir de um conhecimento arraigado em forma de hábito que ocorre nos homens a admiração. Através dela Espinosa também explica os milagres no TRATADO TEOLÓGICO-POLÍTICO. Quando determinado fenômeno natural ultrapassa a percepção normal das coisas, os homens o interpretavam como milagroso. E se a admiração é uma paixão que abala o conhecimento do primeiro gênero, ela na verdade consiste somente num efeito dele, mas nunca pode ser tomada como causa positiva de um conhecimento qualquer. “Em contrapartida, jamais existe admiração naquele que chega a conclusões corretas por raciocínios adequados” (Id., p.104). Nota-se, portanto, que Espinosa retira da admiração o papel que ela tinha como propulsora do conhecimento. E, embora no TRATADO BREVE siga de perto a dedução operada por Descartes n’AS PAIXÕES DA ALMA, Espinosa já saliente desde o começo que essa é a ordem comum das paixões na medida em que elas resultam do primeiro gênero de conhecimento. A admiração é primeira justamente naquele procedimento falaz em que os homens, quando procuram conhecer a natureza, partem dos efeitos para encontrar as causas. Numa dedução genética das

afecções, que vá da causa aos efeitos, a ordem haveria de ser diversa, e a admiração, deslocada desse lugar privilegiado de primeira e propulsora do conhecimento. É o que ocorre na ÉTICA.

Na parte III da ÉTICA lemos que a base de todas as paixões é o *conatus*: Cada coisa se esforça o quanto pode para perseverar em seu ser, e esse esforço é a essência atual dessa coisa (proposições 6 e 7). E como a potência de agir do nosso corpo é diretamente proporcional à potência de pensar da nossa mente, esforçamo-nos para imaginar tudo o que acrescenta a potência de agir do nosso corpo (prop. 12). É a partir desse esforço que surgem todas as afecções, deduzidas em ordem e expostas ainda num quadro sintético, em apêndice à parte III da ÉTICA, no qual Espinosa oferece a definição das afecções. Vejamos então a ordem seguida nesse quadro.

A paixão primeira e fundamental é o desejo: “[...] a própria essência do homem, na medida em que é conhecido como determinado a fazer qualquer coisa por uma afecção qualquer dada nele” (ESPINOSA, 1983, p. 211). O desejo aqui tem uma acepção universal, refere-se a todos os esforços, impulsos, apetites e volições do homem, sejam inatos ou adquiridos, seja o homem consciente deles ou não. Em suma, o desejo é o *conatus* universal, que dá origem a toda a diversidade de afecções.

Ao desejo seguem imediatamente a alegria e a tristeza: “A alegria é a passagem do homem de uma menor para uma maior perfeição”; “A tristeza é a passagem do homem de uma maior para uma menor perfeição” (Id, p. 212). Enquanto o desejo é a impulsão originária, a alegria e a tristeza sinalizam o processo resultante desse impulso. Não se trata, pois, de um estado fixo, pois nesse caso não haveria afecção alguma. As afecções de alegria e de tristeza consistem em atos pelos quais é aumentada ou diminuída a nossa potência de agir.

Agora, face a esse movimento afetivo originado no desejo, a admiração assinala justamente um estado fixo, conforme podemos coligir pela sua definição: “A admiração ocorre quando, da imaginação de uma coisa, a mente permanece presa, porque esta imaginação singular não tem conexão alguma com as outras” (Id., p. 212). À primeira vista pareceria que essa imaginação singular pudesse ser o estímulo inicial para o conhecimento da respectiva coisa imaginada assim de maneira singular. Pois o conhecimento adequado nos desvela a essência das coisas singulares. Porém, o

encadeado das nossas imagens não segue o encadeamento da causalidade natural das coisas. As imagens se sucedem umas às outras de acordo com a disposição do nosso corpo, e pela sucessão das imagens que nós temos não conhecemos a causalidade natural das coisas. Assim, quando a imagem de uma coisa nova nos aparece, ficamos presos a essa imagem sem reconhecer o encadeamento causal de sua existência. Pois além de o ordenamento das nossas imagens não seguir a causalidade natural das coisas, a suspensão numa determinada imagem que não se enquadra no nosso próprio ordenamento suprime na mente a possibilidade de conhecer qualquer ordenamento, seja das nossas imagens, seja da causalidade natural das coisas. Por isso, a admiração é destituída de qualquer interesse epistemológico e “[...] não provém de nenhuma causa positiva, mas somente da ausência de uma causa que, da consideração de uma determinada coisa a determina a pensar em outras” (Id, p. 212).

Da admiração seguem uma série de outras paixões totalmente negativas, como a consternação, a veneração e o horror, o desprezo, a derrisão e o desdém. São as paixões comumente encontradas nos ânimos supersticiosos. Espinosa, portanto, não considera que a admiração seja um estímulo para o conhecimento e que este naturalmente substitui a admiração, da qual o indivíduo se veria finalmente liberado. Também não tem sentido falar-se em uma paixão que fosse contrária à admiração, devido à acepção inteiramente negativa dela, assinalando a ausência de uma causa que levasse a mente a pensar. E se, por um lado, o conhecimento sempre vem acompanhado de paixões como o desejo, a alegria e o amor, por outro lado, da admiração seguem paixões tristes responsáveis por diversos preconceitos e pela superstição.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

D'ARCY, Pascale. Prefácio e notas. In: DESCARTES, René. **As paixões da alma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética**. Tradução e notas da Parte I de Joaquim de Carvalho, tradução das Partes II e III de Joaquim Ferreira Gomes, tradução das Partes IV e V de Antônio Simões. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

SPINOZA. **Opera**. Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften. Herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg: Carl Winter, 1925; 2. Auflage, 1972, 4bd.

\_\_\_\_\_. **Tratado breve**. Introducción, traducción, notas e índices de Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, 1986.

TEIXEIRA, Livio. **Ensaio sobre a moral de Descartes**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

